

**V Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica
23 a 25 de julho de 2017**

**Grupo de Trabalho: O PIBID e a Formação Docente em Ciências Sociais:
limites e possibilidades**

**EXPERIÊNCIAS E SOCIALIDADES JUVENIS: o uso de autorretrato e história de
vida no ensino de sociologia e história no ensino médio**

Joice Bianca Foschiera de Lima (UEMS/Amambai)

Célia Maria Foster Silvestre (UEMS/Amambai)

Resumo: pretende-se apresentar reflexões a respeito de atividades pedagógicas desenvolvidas no Subprojeto Interdisciplinar do Programa de Iniciação à Docência da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PIBID/UEMS), Unidade Universitária de Amambai/MS, que se propôs a evidenciar percepções históricas e sociais dos estudantes do 1o ano do Ensino Médio Escola Dr. Fernando Corrêa da Costa, partindo das interpretações de suas histórias de vida expressas em autorretratos legendados e partilhados oralmente. Para tanto, buscou-se discutir de que maneira a História e a Sociologia contribuem para essas interpretações e para a compreensão da relação sociedade/indivíduo; em seguida, foram apresentados trechos do documentário "Human" (2015), que trata da diversidade humana; após comentarem, os estudantes foram orientados a se autorretrataram e se descreverem em cinco linhas. As apresentações orais se manifestaram de diversas formas: algumas silenciosas e discretas, outras despertando aplausos e risadas da turma. Ao final, as reflexões abordaram as diferentes socialidades e experiências dos jovens a partir das histórias de vida, mostrando que aspectos como religião, gostos musicais, práticas culturais estão ligados a contextos históricos e sociais.

Palavras-chaves: Experiência docente, Interdisciplinaridade, Socialidades juvenis.

Introdução

A proposta desta produção é apresentar reflexões e análises sobre a atividade de confecção de autorretratos e histórias de vida desenvolvida com jovens estudantes do primeiro ano do Ensino Médio por meio de ações do Subprojeto Interdisciplinar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PIBID/UEMS), Unidade Universitária de Amambai/MS. A atividade propôs o exercício de evidenciar percepções históricas e sociais das/dos estudantes partindo das interpretações de suas histórias de vida expressas em autorretratos legendados e partilhados oralmente.

Para tanto, buscou-se discutir de que maneira a História e a Sociologia contribuem para essas interpretações e para a compreensão da relação sociedade/indivíduo; em seguida, foram apresentados trechos do documentário *Human* (2015) com a intenção de exemplificar como é possível apresentar-se a partir de aspectos sociais; após comentarem os vídeos exibidos, as/os estudantes

foram orientadas/os a se autorretratarem e se descreverem em um pequeno texto de cerca de cinco linhas que as/os auxiliaram durante a apresentação oral.

As apresentações se desenvolveram de maneira muito rica, explicitando várias situações coletivas a partir das exposições individuais, mostrando que aspectos como religião, gostos musicais, práticas culturais estão ligados a contextos históricos e sociais.

PIBID Interdisciplinar UEMS/Amambai

O Subprojeto Interdisciplinar do PIBID/UEMS é desenvolvido desde o ano de 2014 em quatro escolas públicas da rede básica de ensino do município de Amambai, sendo duas escolas indígenas e duas em escolas não-indígenas: Escola Estadual Mboe'roy Guarani Kaiowá, Escola Municipal Mboe'roy Guarani Kaiowá, Escola Estadual Dr. Fernando Corrêa da Costa e Escola Estadual Coronel Felipe de Brum.

As/os estudantes bolsistas deste projeto de ensino são oriundos dos cursos de licenciatura em História e em Ciências Sociais da Unidade Universitária de Amambai da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, contando atualmente com 22 estudantes indígenas e não-indígenas, que atuam em sala de aula nas disciplinas de História e Sociologia das escolas envolvidas.

Este subprojeto tem como objetivo tratar das relações interculturais e das diferenças sociais por meio da relação entre a universidade e as escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, colaborando para a formação das/os futuras/os professoras/es da disciplina de História e Sociologia a partir das linhas da educação escolar indígena, da história indígena e da história e cultura africana e afro-brasileira, o que ganha maior consistência quando se considera o espaço no qual tais escolas estão inseridas – em um município na fronteira com o Paraguai, onde cerca de um terço da população é de indígenas Guarani e Kaiowá, favorecendo o acesso das/os estudantes indígenas e afrodescendentes no PIBID, proporcionando visibilidade da cultura Guarani e Kaiowá, reconhecimento da história indígena e fortalecimento da língua guarani.

As atividades planejadas e desenvolvidas no PIBID possibilitam inserir bolsistas na escola de educação básica, buscando sua integração com as ações desenvolvidas no ambiente escolar. Além de projetar uma formação compartilhada

entre a universidade e a escola de educação básica, busca um aprofundamento da formação docente a partir da reflexão sobre as ações de iniciação à docência e estudos realizados na escola e na universidade.

O Espaço Escolar: sobre a turma do 1º ano “A” da Escola Estadual Dr. Fernando Corrêa da Costa

A Escola Estadual Dr. Fernando Corrêa da Costa, que está localizada no centro do perímetro urbano do município de Amambai/MS e possui como entidade mantenedora a Secretaria de Estado da Educação do Mato Grosso do Sul, oferecendo Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio, Curso Técnico em Serviços Jurídicos, Curso Técnico em Recursos Humanos e Curso Normal Médio.

A escola encontra-se em funcionamento desde 27 de novembro de 1964 e recebe estudantes de duas aldeias indígenas Guarani e Kaiowá do município, Aldeia Amambai e Aldeia Limão Verde, de fazendas e chácaras da região e bairros periféricos da cidade, no período matutino, vespertino e noturno.

Segundo o Projeto Político Pedagógico consultado no site Secretaria de Estado da Educação do Mato Grosso do Sul, a escola "é referência no município por ser uma das instituições mais tradicionais, por contar com o maior número de aluno e apresentar um contexto histórico e social de grande relevância" (MATO GROSSO DO SUL, 2016, p. 2).

Sobre os obstáculos presentes na escola (evasão escolar no período noturno, falta de estrutura física para o setor administrativo, ausência de Laboratórios para Ciências da Natureza e defasagem na pintura externa e nas mobílias do refeitório) o Projeto Político Pedagógico estabelece dois objetivos gerais, com ações melhores detalhadas ao longo do corpo do documento, de melhorias no ensino: "elevar o desempenho acadêmico dos alunos; buscar meios para melhorar a infraestrutura do prédio escolar" (MATO GROSSO DO SUL, 2016, p. 3).

De modo geral, a escola esclarece em seu Projeto Político Pedagógico, que se propõe a desenvolver a cidadania de maneira crítica e competente, realizar a interação dos valores entre comunidade e escola, ofertar o acesso ao conhecimento científico e sistemático de maneira inclusiva, além do pleno desenvolvimento das/dos estudantes em sua formação humanística cultural e política, tendo como valores o respeito ao indivíduo, a participação e a qualidade de trabalho.

A proposta presente no Projeto Político Pedagógico é de que esta unidade escolar seja reconhecida por sua competência profissional, possibilitando contribuir para a promoção da justiça e igualdade social, com infraestrutura suficiente para ofertar um ensino que atenda as demandas atuais (considerando as contradições da sociedade capitalista). Segundo a visão da escola:

(...) o processo educativo é uma experiência extremamente complexa que não se circunscreve à sala de aula, e mesmo nesta, não se restringe apenas àquilo que o professor fala ao aluno, considerando a teoria como abstração do real; a compreensão do fenômeno escolar ganha maior significado quando observadas as características da atualidade histórico-cultural dos indivíduos (MATO GROSSO DO SUL, 2016, p. 5).

Quanto à estrutura física, o Projeto Político Pedagógico indica que a escola está organizada em cinco pavilhões com 15 salas de aula, contando com uma média de 35 carteiras e cadeiras em cada sala e um quadro negro em cada sala de aula; uma sala de Reforço em Língua Portuguesa e Matemática e uma sala de Alfabetização Indígena. Existe também na escola uma quadra de esportes com cobertura com pátio também coberto, contando com dois bebedouros.

Há ainda no prédio da escola uma cantina, uma sala para a Supervisão de Gestão Escolar, uma Biblioteca Padrão Conjugado com dois laboratórios tecnológicos, uma sala de Recursos Multifuncional, uma cozinha, um depósito de merenda, um depósito de materiais diversos, um banheiro masculino com cinco conjuntos sanitários e um banheiro feminino com cinco conjuntos sanitários.

A parte administrativa, segundo o mesmo documento, conta uma sala para Direção, uma secretaria com almoxarifado, uma sala para fotocopadora, uma sala de professoras/es que contém um banheiro masculino e um banheiro feminino; uma sala com um espaço para a Coordenação Pedagógica e materiais didáticos.

A escola oferece curso Técnico em Serviços Jurídicos, Técnico em Recursos Humanos e Normal Médio e conta com uma sala que abriga os recursos materiais necessários a essa oferta. Para estudantes deficientes, a escola dispõe de rampas na entrada principal, de acesso às salas e banheiros com porta alargada.

Dentre as turmas existentes nesta escola, a atividade de confecção de autorretrato foi desenvolvida com cerca de vinte e oito estudantes do 1º ano do Ensino Médio do período matutino. Esta turma é diversificada, sendo constituída por

um número maior de estudantes do gênero feminino, contando com um número bem reduzido de estudantes negras/os e indígenas.

Sobre a Confecção de Autorretratos

A proposta da atividade de confecção de autorretrato surgiu como um desdobramento de uma aula expositiva da professora supervisora/regente da disciplina de História, onde é desenvolvida parte das ações do PIBID Interdisciplinar. A aula em questão tratava sobre a História enquanto área de conhecimento, discutindo seu papel enquanto uma ciência, abordando sobre como nós seres humanos somos seres históricos.

A presente reflexão se alicerça na compreensão que a escola pode ser um espaço para fortalecer as agências juvenis a partir da compreensão sobre si e sobre o mundo. Nesse contexto, entender as próprias experiências relacionadas ao contexto social é fundamental. Essas experiências são múltiplas, resultantes dos diversos cenários dos quais advém os jovens que estão na sala de aula.

É no sentido que Thompson (1981) formula para o conceito de experiência que surgem os autorretratos: se olhar no espelho e se ver enquanto ser social e histórico, refletindo a respeito das próprias experiências.

Diz o autor:

Esses acontecimentos se dão dentro do “ser social”, com frequência parecem chocar-se, lançar-se sobre, romper-se contra a consciência social existente. Propõem novos problemas e, acima de tudo, dão origem continuamente à experiência – uma categoria que, por mais imperfeita que seja, é indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo (THOMPSON, 1981, p. 15).

Após discussões e leituras, produziu-se um planejamento de duas aulas sobre percepções históricas e sociais, buscando refletir sobre as percepções das/dos estudantes a partir suas histórias de vida expressas em autorretratos, desenhados em folhas A4 e coloridos e legendados de acordo com a vontade da/do estudante, para que posteriormente serem narrados para a turma.

Durante a primeira aula, a proposta foi apresentada por inteira para as/os estudantes da turma, que se mostraram tímidas/os num primeiro momento. Antes de se iniciar de fato a atividade, as/os estudantes foram questionadas/os sobre o que significa História e se elas/es achavam que possuem alguma história. Algumas/uns

disseram não perceber isto, justificando que não faziam parte da história. E justamente esta reflexão foi posta como ponto de partida para se confeccionar o autorretrato e a sua narrativa: você possui uma história?

Em seguida, iniciou-se exibição dos trechos do documentário *Human* (2015), dirigido pelo fotógrafo Yann Arthus-Bertrand por meio de sua proposta de produção que buscou retratar as diferenças humanas em se compreender enquanto “humano”. A ideia é que essa exibição mostrasse como é possível falar de si mesmo a partir de outros elementos de sua vida, como família, casamento, escola, religião, sexualidade, etc.

Um trecho é o relato autobiográfico do jovem Samuel, um garoto que vive na República Democrática do Congo e conta sobre o seu abandono familiar e como a escola é um espaço de esperanças para ele; e o outro é da jovem Aygoul, que mora numa pequena vila no Cazaquistão e discorda sobre como as mulheres são tratadas em sua sociedade.

Após a exibição do primeiro trecho, sobre Aygoul do Cazaquistão, perguntou-se o que as/os estudantes acharam da fala da jovem e um estudante disse que ela era muito jovem pra casar; perguntamos então para as/os estudantes então como era essa realidade no Brasil, e de modo consensual, afirmaram que a mulheres realmente se casam muito jovens.

Como não houve mais nenhum comentário, apontou-se que Aygoul fala quem ela é pensando dois recortes sociais e históricos: gênero e geração, pois ela menciona como as mulheres de modo geral em seu povoado são submissas a seus maridos e como ela enquanto jovem discordava disto, chegando até mesmo a sentir vontade de alertar as outras mulheres ao seu redor que elas não deveriam ser submissas. As/os estudantes concordaram que é possível perceber tais elementos destacados em nossa fala sobre o vídeo do documentário.

Na sequência, exibiu-se o trecho sobre o garoto Samuel, da República Democrática do Congo, que foi apontado pelas/pelos estudantes como uma história muito triste por ele relatar ter sido maltratado e não ter uma alimentação e cuidados pessoais considerados dignos devido à ausência da mãe em sua vida, o que aparentemente comoveu a maioria da turma.

Seguindo a proposta da aula, chegou-se ao momento de confecção dos autorretratos pelas/os estudantes, buscando promover a discussão sobre a

percepção de cada uma/um sobre sua história e seu contexto social, tal como foi expresso no relato de vida das pessoas do documentário *Human*.

Para tanto, as/os estudantes foram orientadas/os e auxiliadas/os na construção do autorretrato, sendo disponibilizando material adequado para que possam desenhar-se, como folhas A4 e lápis de cor. Além do desenho que deveria fazer de sua representação a partir de sua própria percepção, as/os estudantes foram aconselhadas/os a descreverem seu autorretrato em cerca de cinco linhas, como uma legenda que possa auxiliar durante as apresentações orais dos autorretratos.

Mesmo com as sugestões sobre o que deveriam fazer, as/os estudantes tiveram total liberdade para decidirem como fariam seus autorretratos: poderiam colorir todo o desenho, apenas desenhar, sombrear, pintar apenas algumas partes estratégicas do retrato, desenhar-se de corpo inteiro ou apenas o rosto, etc.

A atividade foi muito bem recebida pela turma que, apesar de alegar que desenhar e falar de si mesmo são tarefas extremamente complicadas, apontaram que esta atividade era muito *legal* e que a turma realmente gostaria de realizar.

Outro aspecto importante que se pode observar durante o momento de produção dos autorretratos foi a intensa comunicação que as/os estudantes mantinham entre si; a todo instante se levantavam e se dirigiam as outras carteiras das/dos colegas perguntando como elas/eles realizaram seus autorretratos. Igualmente, várias/os estudantes chamavam as/os bolsistas, questionando sobre como estava o desenvolvimento de suas ideias.

As/os estudantes concluíram a confecção de seus autorretratos em cerca de trinta e cinco minutos e os resultados foram ricos e diversos, expressando a dedicação que as/os estudantes investiram na realização da mesma; desde autorretratos de costas, coloridos, grandes que preenchiam toda a folha, minúsculos e soltos no centro da folha, com poesias, entre outros.

Abaixo, pretende-se apresentar aqui os autorretratos com maior fidelidade possível ao original, uma vez que as dimensões destes são de extrema importância para a análise. Alguns possuem o nome das/dos estudantes, e por este motivo serão cobertos com uma pequena tarja branca a fim de preservar suas identidades.

Figura 1

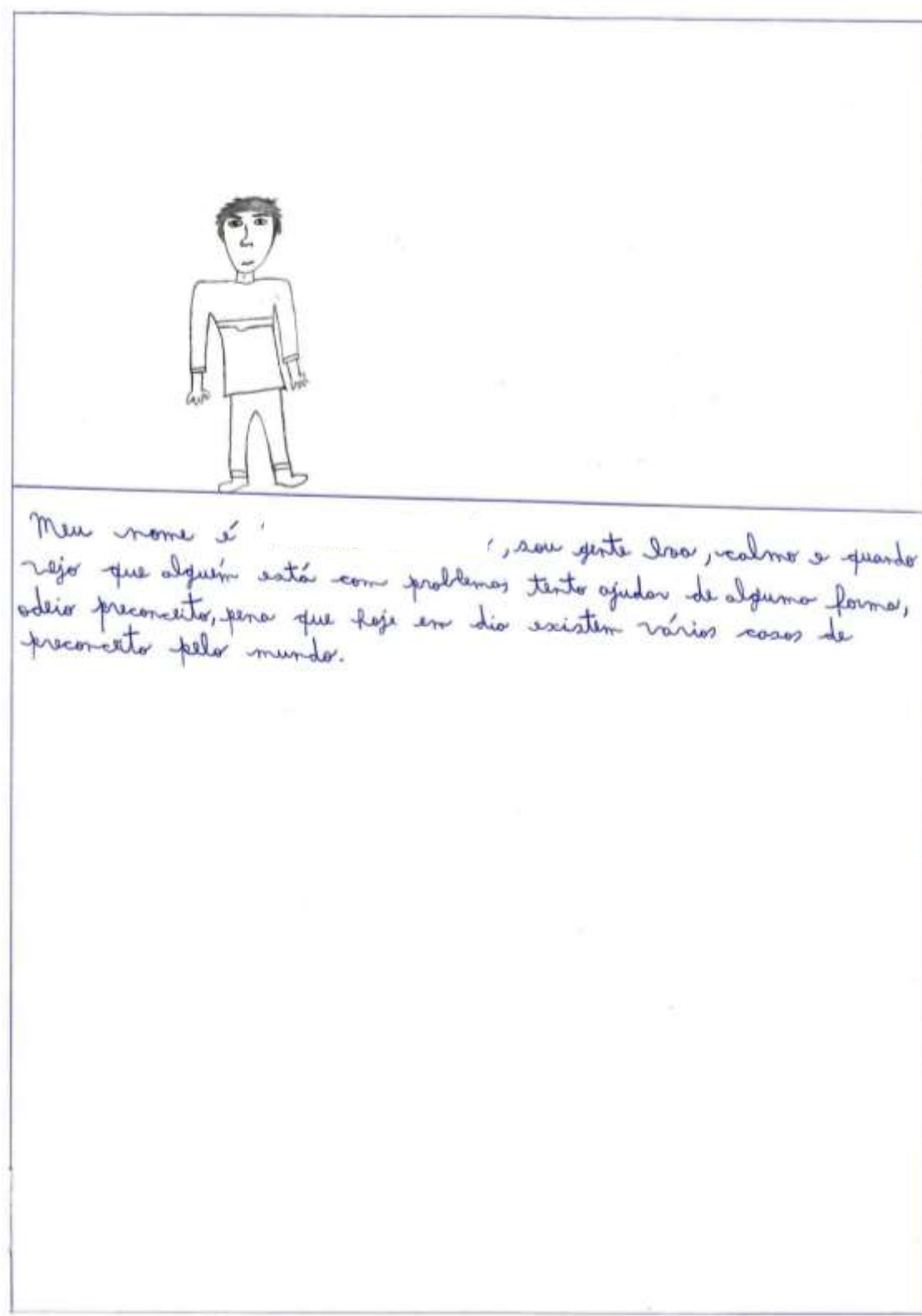
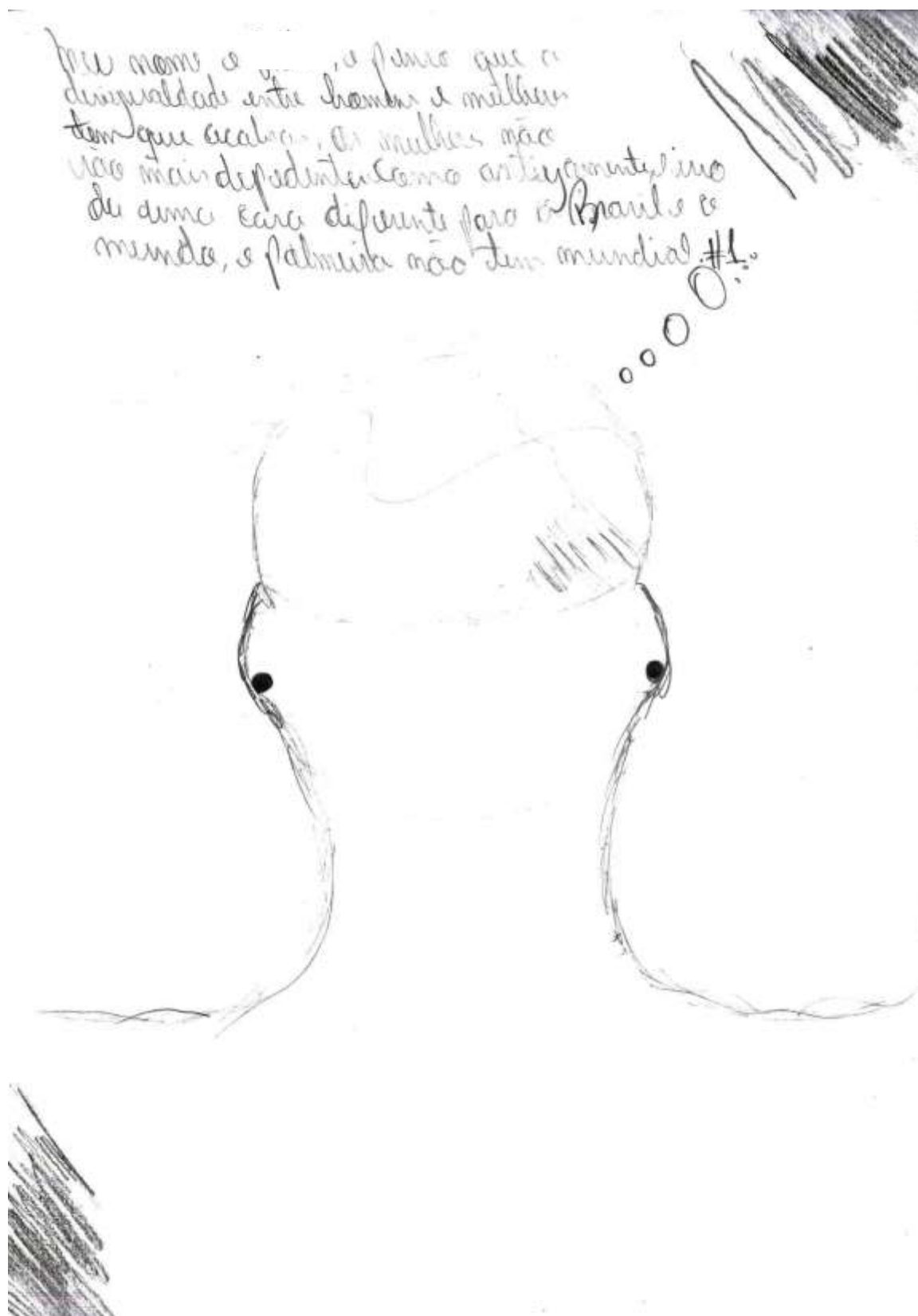


Figura 2



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

Figura 3

Meu nome é _____ meu sobri-
nículo é _____ e eu sou
o preceito da _____, a
_____ da _____ sobre a
_____ e que toda _____ que
anda de SKATE é drogada e
_____ de _____ #2

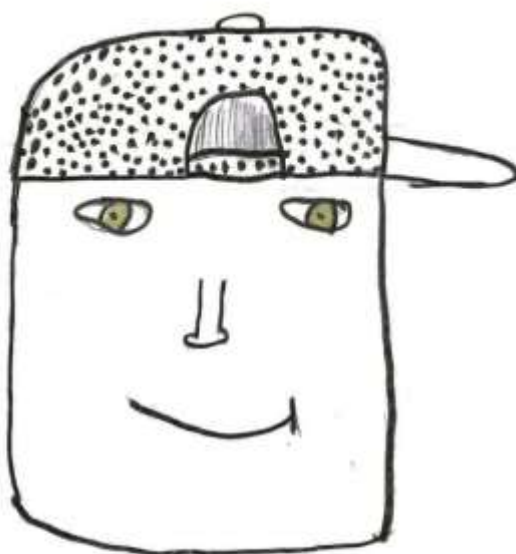
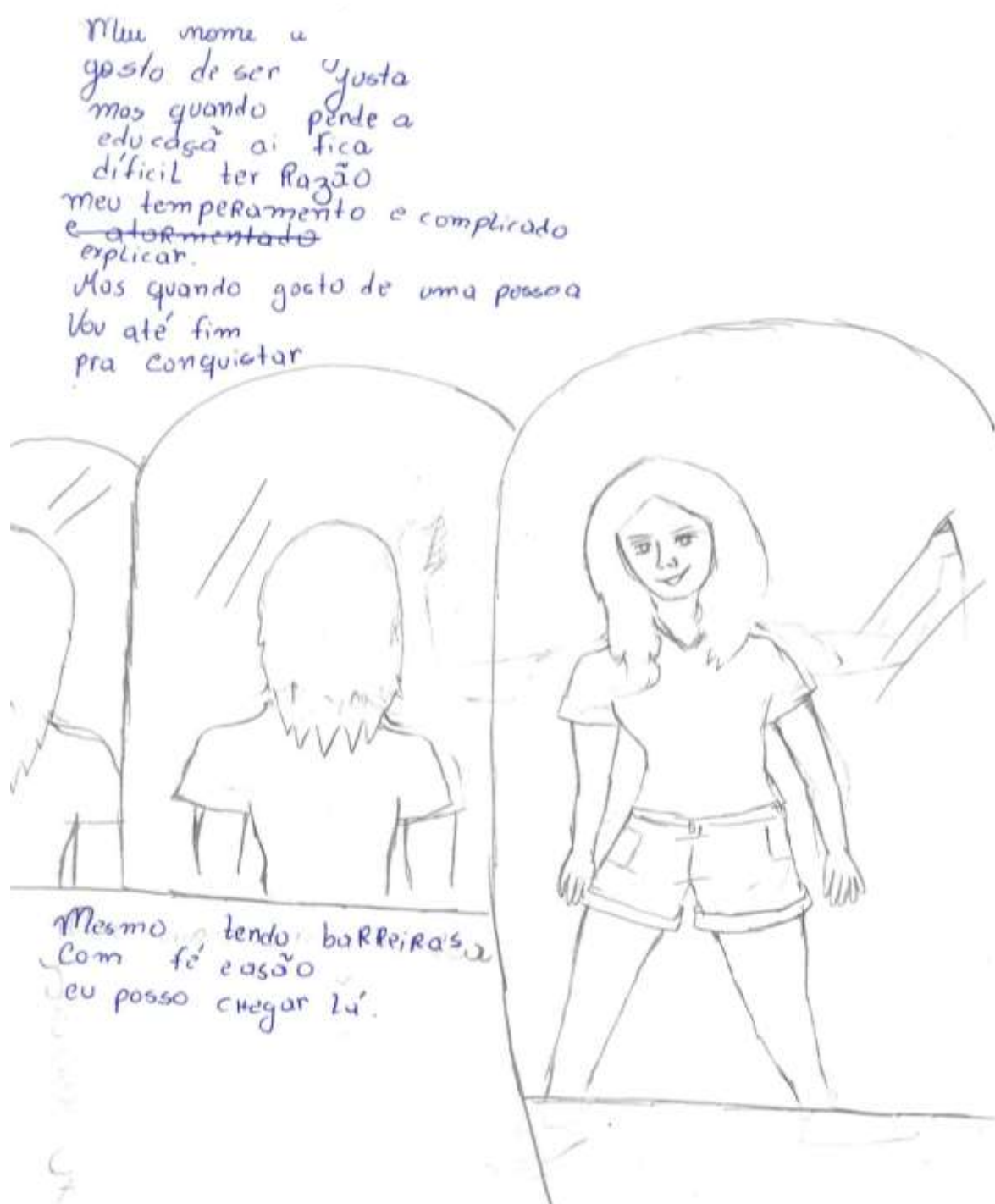


Figura 4



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

A figura 1 apresenta o autorretrato feito à caneta de um pequeno corpo masculino na metade da folha, que está circulada por uma margem. A legenda indica o nome completo do estudante e uma descrição sobre sua personalidade, que sinaliza uma repulsa ao preconceito.

Na figura 2, o estudante se ilustrou de costas; segundo ele, isso se justificava pelo fato de que seu autorretrato estava se olhando em um espelho. A legenda indica seu nome e aponta para o fim da desigualdade entre homens e mulheres, além de uma menção sobre o time brasileiro Palmeiras não ter mundial.

Na figura 3, o estudante ilustrou somente seu rosto. A legenda indica seu nome e identifica seu hobby: andar de skate, indicando a raiva que sente por existir um pré-conceito a respeito deste esporte, onde seus praticantes são estigmatizados como drogados pela sociedade de modo geral.

Já a figura 4 trata-se do autorretrato confeccionado por uma estudante que se ilustrou seu reflexo em vários espelhos. A legenda é um poema, segundo ela, que indica seu nome e identifica seu jeito de ser e ver as outras pessoas.

Em seguida, a turma foi orientada a formarem um círculo para iniciarmos a apresentação oral, no qual mostrariam seus autorretratos para a turma e poderiam ler suas descrições e comentar algo mais que julgassem necessário para se apresentarem. Como sugestão de uma estudante e consentimento do restante da turma, uma/um estudante iniciaria a apresentação e ao afinal de sua fala, indicaria quem seria a próxima pessoa a se apresentar.

Essa etapa da atividade se deu de maneira divertida e emocionante, onde muitas/muitos estudantes se manifestaram de forma que despertou aplausos espontâneos e fervorosos de toda a turma e até mesmo risadas generalizadas.

Em suas apresentações, as/os estudantes trouxeram uma variedade muito grande de representações de quem são: foram relatos sobre quem são a partir da relação com colegas de sala, com família e até mesmo animais; falaram sobre quem são a partir da visão da sociedade; mencionaram como se percebem considerando as nossas práticas sociais; trataram sobre a saudade de outro lugar que viveram e sobre o desconforto que sentem por viverem em uma cidade pequena; apontaram o que gostariam de ser quando crescerem e de que maneira isso se refletia em como são agora; descreveram suas personalidades e até sobre seus nomes.

Ao final, foram entregues 23 (vinte e três) autorretratos, todos recolhidos para avaliação e com notas de zero a dez atribuídas, posteriormente devolvidos para as/os estudantes para que fosse feita a exposição final dos trabalhos em sala de aula por meio de um "varal de vidas": um longo pedaço de barbante preso do lado de dentro da sala de aula da turma, onde os autorretratos foram pendurados pelas/pelos estudantes com prendedores de roupas.

Entrando no retrato, percebendo as histórias

A definição de autorretrato parece ser bem clara e simples: trata-se de um retrato de uma pessoa feito por ela mesma. Porém, a potencialidade deste trabalho é enorme, possibilitando explorar as socialidades do sujeito que o confecciona, desvelando a sua representação do *eu*:

Representa o que ele imagina, deseja ou idealiza ser. Constitui-se de um discurso feito na primeira pessoa, de uma autobiografia visual — "É uma encenação do sujeito por ele mesmo". Revela um olhar voltado sobre si mesmo, reflexivo (Pessoa, 2006, p. 01).

As expressões do *eu*, isto é, as expressões individuais de cada estudante não são meramente subjetivas, uma vez que somos seres sociais, não nos constituímos de maneira aleatória e solta no espaço e tempo. O que somos é resultado de nossa história, de nossas práticas sociais, de nossa cultura. Explorar o social a partir do que o indivíduo expressa é constituir uma imaginação sociológica, como sugere Mills (1972).

A exemplo da Figura 1, onde o estudante se retratou em um desenho minúsculo na folha. Ao desenvolver seu autorretrato, ele me chamou e mostrou seu trabalho, pedindo desculpas por não conseguir se desenhar "grande", mesmo tentando diversas vezes, sua representação do *eu* saia sempre em formas pequenas. Eu informei que estava tudo bem, pois isso não era um problema e logo não tinha necessidade de se sentir culpado, pois ele poderia fazer como quisesse seu autorretrato.

Este estudante sentava-se ao fundo da sala, e durante o período de observação chamou-me a atenção o seu silêncio constante, ao passo que as/os outros estudantes conversavam mais e em tons elevados. Em sua apresentação, ele informou que gosta de ficar *na dele*, pois é muito tímido, mas isso não significa que ele não se importa com as outras pessoas.

Na Figura 2, o estudante representou-se de costas para quem vê seu autorretrato, indicando que estava se olhando no espelho, por isso não poderia estar olhando para mais ninguém. Menciona na legenda escrita a sua vontade de findar as desigualdades entre homens e mulheres, talvez por comoção ao relato presente no trecho do documentário *Human*, da jovem Aygoul. Quanto à referência ao time brasileiro de futebol, pode ser associado ao fato dele ser reconhecido como um atleta dentro do espaço escolar, competindo em diversas modalidades esportivas em campeonatos interescolares.

Na Figura 3, tem-se um autorretrato do rosto de um jovem estudante e skatista, que indica sentir *raiva* do preconceito em torno dos praticantes deste esporte no município. Recentemente, houve a ampliação de um circuito de skate na cidade, como uma demanda da juventude local; porém, o espaço ainda é reduzido para a prática e constantemente é vistoriado pela polícia militar em busca de usuários de drogas ilícitas e supostos traficantes. Tal situação gera desconforto e tensão constante nas e nos jovens que frequentam o local e as proximidades.

Na Figura 4 há o autorretrato de uma jovem indígena que vive em uma fazenda próxima da cidade. Ela apresenta múltiplos reflexos de si mesma em sua representação, junto a um poema que ela escreveu para sua apresentação, que trata sobre como ela é. Sua narrativa de vida comoveu grande parte de seus colegas: disse que muitas vezes as pessoas achavam que ela não gosta de ninguém, mas que na verdade, ninguém a entende, pois ela foi criada por sua família de um jeito diferente, com valores diferentes, e o que ela vivia ali era o oposto de como ela entendia as coisas. Ao fim, ela pediu mais compreensão, informando que sempre tentava ser educada e justa, pois queria *seguir em frente*. Ela foi intensamente aplaudida, o que a deixou sorridente.

Construir um autorretrato pode ser entendido como um registro de presença (Pessoa, 2006) em determinado espaço e contexto, sobre como o indivíduo se percebe, ou gostaria de ser percebido, seja em sala de aula, no circuito de skate, ou em qualquer outro espaço que, de imediato, possui um significado relevante para seu *eu*.

O autorretrato, como qualquer outra manifestação artística, "é uma combinação de sinais, signos, que permitem múltiplas interpretações" (Pessoa,

2006, p. 2). Explorar tais significações em sala de aula é uma rica fonte de pesquisa, que proporciona compreender as pessoas com quem se trabalha.

Considerações finais

Utilizar-se de autorretratos enquanto um recurso pedagógico para o ensino de História e Sociologia permite desenvolver uma postura de investigação social, o que pode auxiliar no desenvolvimento de uma sensibilidade perante a realidade multifacetada da escola.

Ser responsável, enquanto discente e bolsista do PIBID, em realizar essa atividade constituiu uma experiência docente vigorosa, por favorecer entrar em contato de maneira efetiva com a forma como as/os jovens se percebem, a partir da atividade pedagógica e do universo escolar. Favorece, também o movimento inverso, de enquanto jovem estudante de Ciências Sociais e ministrante da atividade, olhar-se no espelho e percorrer os caminhos da própria história, ampliando os caminhos da imaginação sociológica.

Para as/os jovens do primeiro ano do ensino médio ficou a experiência de se colocar novos problemas, enquanto seres sociais e históricos.

Referências Bibliográficas

MATO GROSSO DO SUL. **Projeto Político Pedagógico. Escola Estadual Dr. Fernando Corrêa da Costa.** Amambai/MS, 2016. Disponível em: <<http://www.sistemas.sed.ms.gov.br/ProjetoPoliticoPedagogico/Visualizar.aspx?PPPID=VxHgaZdV4vU=>> Acesso em 01 jun. 2017.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

PESSOA, H. G. R. **Auto-retrato – o espelho, as coisas.** Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo – USP. Área de Concentração: Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes. São Paulo, 2006.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.